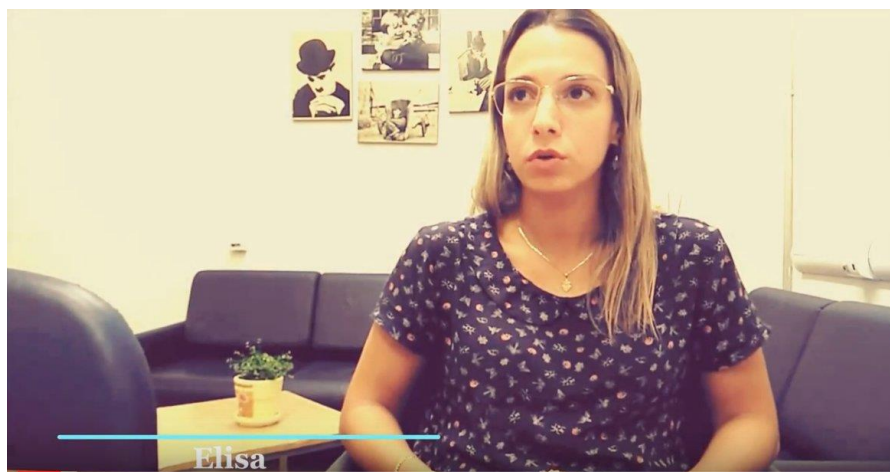


O Trabalho na Biblioteca

Análise Crítica do Vídeo “O Trabalho na Biblioteca” (2018)

Gildione de Moura Alves



Introdução

O vídeo “O Trabalho na Biblioteca” (Praxis Video, 22 min) retrata a realidade dos trabalhadores da biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp de Marília. Produzido por Jessica da Silva Nordbjorn junto com Giovanni Alves, tendo como principal influência o documentarista Eduardo Coutinho, a pretensa análise buscará esmiuçar a luz da precarização do trabalho público a situação que se encontra a biblioteca.

O filme foi realizado sob o contexto de avanço do neoliberalismo, do aprofundamento da crise econômica-política que o assola o país desde 2015 e, não menos importante, as vésperas do retrocesso civilizacional ocasionado pelas eleições de 2018, fato marcante neste momento histórico. O Brasil, tratado em outros tempos como o país do futuro, está emerso no banho-

Cine Trabalho

maria neoliberal. Assim, esta pequena análise contextualiza a situação dos trabalhadores, suas angústias decorridas do acúmulo de funções e, pelo olhar sociológico do cotidiano, dramatiza a situação do servidor público paulista.

A racionalização dos recursos públicos aglutina em torno de si e para si somente um objetivo: extrair a custo de suor e sangue a maximização absoluta dos recursos destinados à universidade pública. Enquanto instituição encastelada, as universidades públicas passam por uma profunda transformação estrutural. Com o avanço das políticas compensatórias dos governos petistas nas universidades federais, a implementação da lei de cotas em 2012 influenciou o movimento estudantil dos vários *campi* da Unesp, o qual saiu vitorioso na implementação das cotas para os PPI (Pretos, Pardos e Indígenas) como para estudantes de escolas públicas. Com o aumento dos filhos dos trabalhadores na universidade, outrora restrita a uma pequena parcela das classes subalternas, o investimento público na manutenção dos recursos humanos e infraestruturais da instituição foi deixado de lado.

A não contratação de funcionários na UNESP é tida como parte do projeto privatista dos governos neoliberais sucedidos desde 1995 pelo Partido da Social Democracia Brasileira. Diante a realidade concreta do Brasil de 2019, os percalços enfrentados pelos trabalhadores do serviço público não enxergam uma melhora nas condições de trabalho nos próximos anos.

Os três sujeitos: servidores públicos da biblioteca universitária

Sem contratação efetiva via concurso público, a Unesp de Marília agoniza na falta de funcionários. O retrato da universidade serve de exemplo pelo que ocorre no país. Os trabalhadores da biblioteca possuem perfis semelhantes, embora com certa margem geracional entre os três. Como descrito no vídeo, “os trabalhadores da biblioteca da Unesp expressam amor pela profissão, satisfação pelo emprego público e ao mesmo tempo, lamentam a precarização das condições de trabalho devido a falta de novas contratações de pessoal.”

Na ordem cronológica, o funcionário mais velho é o André, 50 anos, formação de nível superior em biblioteconomia pela Unesp de Marília e mestre na área de Ciência da Informação pela mesma instituição, trabalha com organização de biblioteca há 15 anos, mesmo antes de sua formação universitária, como disse no filme, sente-se vocacionado na carreira.

Elisa, bibliotecária formada na Universidade Estadual de Londrina (UEL), mestre em Ciência da Informação, assistente de suporte acadêmico, tem experiência na área há uma década. É responsável por intermediar a relação da biblioteca com o usuário. Porém, no

Cine Trabalho

contexto de precarização do trabalho, também atua em outros setores da biblioteca com exceção na parte de catalogação.

Guilherme, inicialmente viera para Marília por conta do curso de Filosofia da Faculdade, trabalha no setor de atendimento ao usuário e de suporte acadêmico. Antes de concursado, trabalhou temporariamente no Censo IGBE de 2010.

Na era de expansão da informação, o trabalho na biblioteca transforma-se na velocidade da produção de novas tecnologias da informação. No relato de Elisa, quando refere-se a atualidade de sua área, concorda com essa premissa, pois segundo ela, ‘temos que nos atualizar, não há como fugir’.

Se a conjuntura universitária está convencendo-se o projeto de expansão virtual da Unesp, abrindo brechas para o ensino EaD, o trabalho na biblioteca é afetado pela inserção de novas tecnologias ao passo que sobrecarrega acúmulo de funções. Quando André afirma que ‘é necessário, seguir o caminho para qual a biblioteca converge’, o sujeito tem no seu horizonte discursivo as transformações societárias, políticas e econômicas oriundas do neoliberalismo. A vida estável no serviço público que o vocacionou para a profissão é atacada internamente pelas condições de trabalho e pelo contexto de destabilização do serviço público. Cabe salientar que o custeio de verba da UNESP é de responsabilidade do governo estadual que estava à época na gestão de Geraldo Alckmin (PSDB).

Nos três sujeitos temos relatos que convergem a uma mesma finalidade: acúmulo de funções; não aumento salarial; jornada de trabalho alternada; problemas a longo prazo de saúde física e mental. Em sua recente obra, o sociólogo Ruy Braga configura o sofrimento psíquico no trabalho como uma das principais causas do adoecimento laboral do século XXI. Portanto, o relato dos sujeitos nos conscientiza que a situação do trabalho, a priori, tido como menos precarizado pelos colegas da própria universidade, resulta no adoecimento psíquico dos trabalhadores da biblioteca. Atualmente, desde política da não-contratação, a biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências tem baixa de 7 funcionários. Como dito pelo André, a não contratação afeta todo o serviço de atendimento ao usuário, acumulando funções e não mantendo o nível de excelência do auxílio a pesquisa acadêmica.

O mundo do trabalho na Unesp agoniza pela falta de melhores condições de trabalho. Direitos como 13º salário, por exemplo, são parcelados em todo o ano, sem haver qualquer garantia de estabilização. Funcionários técnico-administrativos, professores, estudantes e toda a comunidade acadêmica sentem os efeitos desta política econômica.

Cine Trabalho

É presente no discurso dos trabalhadores da biblioteca o sentimento de desalento. Se ambos não tomam uma postura de preservação da qualidade da educação pública, gratuita e de qualidade, o andamento seria outro. É visível a expressão inconsciente de Elisa. Num dado momento, quando comenta a respeito das formas de regulamentação do trabalho, a jornada de trabalho de 40 horas é como se fosse acoplada a cada função exercida, isto é, somando-se as outras ‘jornadas abstratas’ que deixaram de existir. Acrescenta-se a falta de vagas no Centro de Convivência Infantil (CCI) da Unesp à seu filho, local responsável por permitir aos trabalhadores deixar seus filhos para trabalhar.

Apontada por André como o principal problema, a falta de funcionários afeta sobretudo o atendimento no balcão, principal meio de ligação entre o usuário e a biblioteca. Assim, na fala da Elisa, ela aponta a necessidade do aumento de recursos destinados a biblioteca para a contratação de pessoal. Esse ponto é recorrente em todo o filme, presente no relato dos três sujeitos. O excesso de trabalho ameniza-se devido a obrigatoriedade de estágio pelos estudantes dos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia, responsáveis por aliviarem um pouco o trabalho na biblioteca.

Nesse sentido, a dimensão do trabalho não-remunerado na biblioteca tem no elo da precarização e a falta de pessoal, os estudantes de graduação. Em sua maioria, segundo dados divulgados pela própria Unesp, fazem parte da geração de estudantes oriundos da classe trabalhadora na universidade que, devido os problemas estruturais da família, mantem-se na graduação via trabalho informal; vendendo bolos, gelinhos e até mesmo organizando festas nos buffets infantis.

Por fim, no contexto da flexibilização do trabalho e maximização dos lucros, André avalia o trabalho na biblioteca com pontos mais positivos que negativos. Embora tenha passado por dificuldades, o trabalho em bibliotecas universitárias é mais estruturado que nas bibliotecas municipais. Esse panorama dado pelos funcionários inquieta a nós, pessoas presentes na comunidade acadêmica a refletir, repensar e questionar os rumos que a própria Universidade pública está caminhando.

A ideologia do autoempreendedorismo, que se instala no interior da sociedade, alastra-se sob o verniz neoliberal que cada indivíduo seja sua própria empresa, isto é, além das contrarreformas macroeconômicas (Reforma Trabalhista, Reforma da Previdência e PEC 55), o assujeitamento neoliberal de mercado condiciona a sociedade dos indivíduos (como dissera Giddens) a se vender enquanto mão de obra precarizada para não morrer as margens. Se o

Cine Trabalho

neoliberalismo escolhe quem viverá e quem morrerá, o retrato de nosso país após o Golpe de Estado de 2016 tornou-se um terrível filme de terror.

Tal reflexo é fruto das transformações no mundo do trabalho na crise internacional do sistema capitalista. Portanto, partindo de uma análise localizada no trabalho da biblioteca, o contexto das estruturas socioeconômicas que engendram à destruição do que fora construído durante os últimos 30 anos no país, avançam na constante precarização do serviço público, na ideologia privatista e de desestatização que orienta o mote econômica à nível estadual e nacional nos últimos 4 anos. Por fim, concluo que se a universidade fosse um corpo, a biblioteca seria o coração, portanto, parte essencial ao funcionamento da instituição.